

## ■ RELIGIÃO

# Um ideal da educação

Dom Lucas Moreira  
Neves \*

**N**ão é demais recordar (já que a nossa memória curta se acha continuamente abarrotada de material a armazenar) um dado da assembléia-geral da CNBB, de abril deste ano.

Dita assembléia trabalhou com afincio sobre um texto intitulado *Educação: exigências cristãs*, projeto de documento elaborado com muitos meses de antecedência, graças ao trabalho de uma comissão e à colaboração de muitos bispos preocupados com o tema.

Pois bem, mesmo reconhecendo o inegável valor do texto, decidi-se adiar sua publicação, remetendo às bases — regionais da CNBB, dioceses, paróquias, comunidades eclesiais várias — para um novo exame, apreciação e possíveis emendas. Ao fazê-lo, a assembléia-geral entregou às diversas instâncias da Igreja Católica e à opinião pública um texto breve e incisivo, espécie de S.O.S. — *Educação, denominado Educação no Brasil: uma emergência*.

Escrevo, evocando essas circunstâncias todas, enquanto, no Regional Nordeste III da CNBB, ao qual pertencço, porque ele cobre as arquidioceses de dioceses da Bahia e de Sergipe, estamos seguindo as diretrizes da CNBB nacional e refletindo sobre as linhas mestras do documento em questão, *Educação: exigências cristãs*.

É impossível resumir em uma coluna de jornal mesmo as linhas-mestras essenciais de um texto de 36 páginas, rico de conteúdo e notavelmente denso. Cada uma de suas três partes — a situação educacional no Brasil de hoje, visão da educação na perspectiva cristã e posicionamentos e propostas — contém elementos de análise e reflexão, comentários críticos, sugestões e indicações programáticas que desafiam uma síntese.

Faço, para os efeitos desta crônica hebdomadária, uma simples opção. Friso no projeto de documento um aspecto que está na raiz da análise, que a Igreja faz acerca da dramática situação educacional no Brasil de hoje, como na raiz das propostas e indicações operativas que, como Igreja, ela pode dar.

Nesta perspectiva cristã da educação, o documento em elaboração oferece um dado bem pouco enfatizado em outros tratados sobre a educação: as bases antropológicas e teológicas (mais exatamente teológico-pastorais) da educação. Pouco enfatizado e, no entanto, um dado de fundamental importância, pois é o que responde à pergunta essencial, dividida em duas para melhor compreensão: *Quem é o homem a ser educado? Para ser quem, o homem deve ser educado?*

Não duvido de que nas apreciações feitas “nas bases” — por bispos, padres e religiosos, mas também por toda sorte de pessoas interessadas na educação, como sejam, secretários estaduais e municipais, diretores de escolas, professores de todos os graus, pais de alunos e obviamente os próprios alunos — sejam muitos a ponderar as bases antropológicas e teológicas e a emitir sobre elas um juízo crítico. Nem por isso deixam de ser provocadoras e fecundas as 10 características ou facetas, que, no seu estado atual, o texto de *Educação: exigências cristãs* aponta no educando, seja ele criança, adolescente, jovem ou jovem-adulto:

— *É um ser criado à imagem de Deus* e por isso portador de uma aspiração congênita, de um apelo conatural a algo — ou alguém — que lhe é superior; alguém que, por ser trinitário, traz consigo uma dimensão social e comunitária.

— *É um ser aberto ao mundo*, graças ao fato de ser pessoa capaz de unir-se a outras pessoas para fazer comunidade.

— *É um ser cultural aberto à transcendência*, isto é, um ser nunca pronto e acabado, mas sempre em estado de cultivo interior, de auto-aprimoramento, em busca de algo mais e algo além.

— *É um ser histórico* “situado e datado”, dependente até certo ponto do contexto local e temporal, no qual se acha inscrito, embora chamado a quebrar essas amarras e a superar esses condicionamentos.

— *É um ser transformador* que, embora profundamente afetado por um sem-número de contradições internas, tem consciência do seu poder de continuar a obra de criação de um mundo que lhe foi confiado.

— *É um ser relacional*, não feito para ser ilha, mas chamado a viver em sociedade e comunhão.

— *É um ser dotado de liberdade*, capaz de exercê-la mal, mas capaz também de exercê-la com consciência e responsabilidade.

— *É um ser marcado pelo pecado e pelo mal* e, por isso mesmo, ferido e propenso ao que nele há de menos humano e até de desumano.

— *Mas é também um ser amado e salvo por Deus*, redimido e curado, propenso ao que nele próprio há de melhor.

— *É um ser em conflito*, um conflito que pode ser fator de dicotomia interior, de verdadeira esquizofrenia, mas pode ser também fonte de riquíssima harmonia.

A antropologia aqui esboçada é profundamente cristã, embrião de um humanismo cristão. Traz portanto uma dinâmica teológica. Mas, para explicitar essa Teologia, o documento afirma que a educação, na sua perspectiva cristã, tem como horizonte último fazer do educando um cidadão do Reino de Deus. E isto na escola e imitação de Jesus de Nazaré, o homem perfeito e modelo de humanidade.

Um ideal alto demais? Pode ser. Mas, quem faz algo de definitivo sem um alto ideal?

\* Cardeal-arcebispo de Salvador (BA) e primaz do Brasil